

AINDA VALE À PENA LER MONTEIRO LOBATO?

Patricia Albuquerque de Campos Gomes
pacletras@yahoo.com
<http://lattes.cnpq.br/5001694376399123>

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre a leitura de textos literários na escola, e mais especificamente, refletir sobre a atualidade da obra de Monteiro Lobato com enfoque no livro *Reinações de Narizinho*. Muito se tem discutido sobre a defasagem da obra, como temas polêmicos – racismo, por exemplo – que algumas correntes tentam menosprezar e tirar da escola a literatura de Monteiro Lobato. Por isso, a pergunta que intitula este trabalho “Ainda vale à pena ler Monteiro Lobato?” é um convite para reafirmar e estimular novos leitores que ainda não conhecem sua obra. Será que a obra de Monteiro Lobato ainda é atual ou ficou no passado? Refletiremos ainda a importância da leitura do texto literário em sala de aula, bem como o que tem feito a literatura ser deixada de lado na escola em prol do pragmatismo que vem influenciando diretamente novas práticas no ensino de língua portuguesa. Como embasamento teórico, nos apropriamos de autores como Bertolucci (2009), Zilberman (1988), Belintane (2013) entre outros que discutem sobre a importância da literatura. Além disso, discutiremos também sobre a diferença de dois polos existentes a partir de uma obra: a literatura enquanto texto escrito e as adaptações feitas para as telas (de cinema, televisão etc.).

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Literatura; *Reinações de Narizinho*.

Considerações iniciais

Século XXI: revolução tecnológica, avanços de muitos conhecimentos e descobertas, novos escritores; a era digital invade a sociedade com grande impacto de mudanças e comportamentos que dificilmente, ou diríamos que é impossível de se voltar atrás; estamos em uma sociedade marcada pela imagem e pela rapidez de informações por diversos meios digitais. Dá para viver sem internet hoje, por exemplo? A indústria de livros também nunca produziu tanto! Nunca se fez e se vendeu tantos livros (seja de papel, seja digital) como nestes tempos. Assim, diante de tantas novidades e até mesmo de outras tantas atrações como jogos, videogames,

celulares, tablets, será que ainda se tem espaço para a literatura na sociedade? Ainda é válido ler Monteiro Lobato?

Primeiramente, convido-lhes a uma reflexão acerca da importância da literatura como um todo na vida de uma criança (ou de um adulto que já foi criança); posteriormente, refletiremos sobre Monteiro Lobato e sua obra de um modo geral e, depois, mais especificamente, sobre o livro “Reinações de Narizinho”.

A literatura na vida de uma criança

A literatura enquanto arte e cultura tem um estofado de riquezas imensuráveis para a humanidade. Através da literatura, a criança entra num mundo de imaginação que relaciona com a realidade a qual faz parte. Além disso, os textos literários têm um aparato diversificado de leituras que permitem ao leitor se debruçar em um mundo de linguagem plurissignificativo; constituem-se não somente um campo mais vasto para o conhecimento, pois propicia um envolvimento do leitor com textos mais densos, mas sobretudo, constrói um amplo repertório linguístico, cultural, poético e intelectual para a formação do leitor/escritor. Sobre isso, Zilberman (1988) sustenta que

a obra de ficção, fundada na noção de representação da realidade, exerce este papel sintético de forma mais acabada, fazendo com que leitura e literatura constituam uma unidade que mimetiza os contatos palpáveis e concretos do ser humano com seu contorno físico, social e histórico, propondo-se mesmo a substituí-los.[...] a obra de ficção avulta como o modelo por excelência da leitura. Pois, sendo uma imagem simbólica do mundo que se deseja conhecer, ela nunca se dá de maneira completa e fechada. Pelo contrário, sua estrutura, marcada pelos vazios e pelo inacabamento das situações e figuras propostas, reclama a intervenção do leitor, o qual preenche estas lacunas, dando vida ao mundo formulado pelo escritor (ZILBERMAN, 1988, p.19).

A imagem simbólica do mundo, comentada pela autora, concretiza-se pela ficção da realidade, abrindo, assim, muitas possibilidades de imaginação do leitor pela leitura do texto literário. Dessa forma, a leitura da literatura torna-se um lugar de interação, já que incentiva o leitor a sair de si para criar as relações de sentido, a partir das imagens simbólicas presentes no texto. O conhecimento sociocultural é abrangido por essas leituras e torna sua participação mais ativa enquanto leitor, de modo a propiciar a capacidade de promover ações e/ou mudanças desejadas pela criança no mundo contemporâneo.

Os livros que são lidos na infância, como afirma Zilberman (2013, p.9) “permanecem na memória do adolescente e do adulto”. E são eles que formam as bagagens culturais do leitor que

pode tornar-se escritor posteriormente. Por isso, privilegiar o desejo e a fantasia como forma de abrir portas para a cidadania do mundo, é melhor do que mostrar à criança uma cidadania e consciência adultas, pois através da literatura, a criança é provocada a um deslocamento da realidade, incentivando as possibilidades de expansão mítica e imaginária que potencializam a vitalidade e criatividade da linguagem e do psiquismo infantil e, conseqüentemente, estimulam novas possibilidades de releitura da vida e da palavra, como afirma Belintane (2013). Para este autor, todas as crianças, especialmente as de baixa renda que geralmente são as mais desfavorecidas em relação à cultura advinda dos livros, por exemplo, precisam do contato constante com o que extrapola o real, como a fantasia e com o mítico, pois dessa forma tem condições de reunir forças para transformar a realidade que a cerca. Porém, isso não se reduz apenas às crianças desfavorecidas, mas toda e qualquer criança tem o direito de estar inserida a cultura que estimule a imaginação e a fantasia. No entanto, o ensino na escola tem se voltado para aquilo que é funcional e que é presente no cotidiano do aluno, deixando de lado algo essencial no desenvolvimento e na formação do leitor/escritor: a leitura do texto literário. Segundo Belintane (2013),

A busca do que realmente circula, o texto significativo do universo de letramento do aluno, a estruturação do gênero, a relevância do suporte e do portador de texto, a busca do ambiente de letramento do aluno – tudo isso, paradoxalmente, acabou resultando no afastamento da leitura crítica e do texto literário, em prol de um pragmatismo com contornos de neoliberalismo. (BELINTANE, 2013, p. 83).

É pertinente refletir aqui o que afastou a literatura da sala de aula. Segundo Geraldi (2015), a hipótese levantada para este fato é de que os fazeres escolares estão impregnados pelo projeto de cientificidade das ciências humanas; e que por meio disto, houve a preferência pelos textos referenciais. Como consequência dessa prática, obtivemos prejuízos e perdas da presença do texto literário.

Como já dissemos, compartilhamos da ideia desse autor e de outros de que a formação e o desenvolvimento de leitor/escritor, de fato, deveria ser visto como um processo de leitura e escrita a partir de textos literários. A diferença é que é importante que a criança tenha acesso a uma cultura literária desde cedo, como contação de histórias que deveria se dar desde a fase infantil, por meio de textos orais advindos antes da escola, no contato com a família. Para este autor, as práticas de leitura e escrita estão intimamente ligadas às práticas de oralidade da infância. Para defender essa posição, Belintane (2013, p.13) reflete sobre como se deu a formação leitora de alguns escritores renomados, mostrando que ela teve raízes na oralidade. Ele aponta, por exemplo, que Manuel Bandeira encontrou origem para sua vocação na própria

infância e seu contato com a poesia se deu a partir da escuta de contos de fadas e histórias da carochinha. O autor conclui que o contato do aluno com o universo literário se dá inicialmente na oralidade, e defende que as práticas de leitura e escrita na escola deveriam privilegiar o texto literário, inclusive oral, para a verdadeira formação do aluno como bom leitor/escritor e, conseqüentemente, como sujeito agente capaz de se posicionar “livremente” diante das diversas esferas sociais aos quais o rodeiam. Belintane (2013) afirma que

O ideal de que o ensino se dirige a uma subjetividade ativa ou que visa a uma consciência vigilante engendrou, sem querer, um estranho pragmatismo, que chega a empurrar o texto literário para as sombras em nome de textos que advêm de um tal “universo de letramento” que é comumente entendido como a escrita circulante do universo do aluno (publicidades, logomarcas, receitas culinárias, textos instrucionais, bilhetes entre outros) (BELINTANE, 2013 – p.41).

Dessa forma, na opinião desse autor, o contato com a oralidade, por meio de textos infantis como cantigas, parlendas, adivinhas, contos, entre outros, seria o início de todo o processo de desenvolvimento da leitura/escrita de nossos alunos. Esse autor reflete também que as narrativas que tocam nas origens, como lendas e mitos, são as *matrizes textuais* que surgem por primeiro e se tornam fundamentais na literatura. Assim, provocam um deslocamento da realidade, incentivando as possibilidades de expansão mítica e imaginária que potencializam a vitalidade e criatividade da linguagem e do psiquismo infantil e, conseqüentemente, estimulam novas possibilidades de releitura da vida e da palavra.

Refletindo ainda sobre a importância da literatura na vida de qualquer criança, podemos nos questionar: Por que inserir ou oportunizar a literatura na vida de uma criança? E teremos a resposta também em Perrone-Moisés quando argumenta:

porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outros mundos, outras histórias e outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é um motor das transformações históricas [...]; porque a poesia capta níveis de percepção, de fruição e de expressão da realidade que outros tipos de textos não alcançam (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 28)

Com o advento das novas tecnologias, vemos, por exemplo, que muitas obras foram transformadas em filmes, séries, telenovelas ou desenhos animados. Isso foi feito com os contos de fadas *Cinderela*, *Branca de Neve*, *A Bela e a Fera*, *Chapeuzinho Vermelho* pelos estúdios Disney; com o *Sítio do Pica-pau amarelo* de Monteiro Lobato, pela rede Globo de televisão, entre outros. Ficamos, então, com dois polos: de um lado, uma obra literária escrita em livro (de papel ou digital) e, de outro, a imagem nas telas. O que é produzido para as telas de TV ou cinema a

partir de uma obra literária tem sua contribuição cultural e o seu valor. Ninguém discute o quão prazeroso é assistir a um bom filme produzido nas telas de cinema. Porém, temos que admitir que a imagem chega ao telespectador como algo “pronto e acabado”. Em outras palavras, a imagem do *Sítio do Pica-pau amarelo*, por exemplo, será sempre da forma como é exibido na televisão, limitando a capacidade do telespectador em criar ou imaginar o sítio como quiser. O livro, ao contrário, ao trazer a palavra e algumas ilustrações, traz o benefício de oportunizar a arte da imaginação; cria diversas possibilidades imagéticas, que por sua vez estimula a criatividade do leitor e a sua interação com a obra. Conseqüentemente, isso faz também com que haja mais esforço cognitivo por parte do leitor para ampliação de seu repertório cultural e intelectual.

Maria Augusta Ribeiro, em seu artigo intitulado *Reinações de Narizinho: leitores e leituras*, narra um pouco da sua vivência infantil quando iniciou sua formação de leitora. Ela conta que sua mãe lia as obras de Monteiro Lobato antes de dormir na cama de seus pais; e toca em um ponto interessante ao que se refere aos dois polos citados anteriormente:

As letras pretas eram, então, incompreensíveis para mim, mas as figuras de Rabicó – com o rabinho enrolado, um belo laço de fita ao redor da cabeça, a cartola, ícone do título de marquês, possivelmente – e a de Emília, vestida de noiva, fixaram-se indelevelmente em minha memória. Imaginem a agressão que foi para esta leitora assistir à programação que a TV Globo exibiu como versão atual do *Sítio*, na qual Rabicó é apresentado como bípede e todo vestido de azulão? Onde teria ido parar o simpático laço de fita do noivo de Emília presente nas ilustrações de Le Blanc? Não seria preferível manter uma montagem que privilegiasse o original? (RIBEIRO, 2008, p. 140)

Percebe-se que as experiências entre a obra literária e a sua reprodução nas telas faz com que haja uma certa frustração diante dos dois polos porque dificilmente dá para se recriar a imaginação de uma criança por meio do livro e quando isso é feito, provavelmente a recriação será distorcida e/ou manipulada nas adaptações feitas e, com isso, há perdas das singularidades artísticas da(s) obra(s). Por isso, é muito importante que se torne um hábito cultivar a leitura de livros para crianças.

Para Pennac (1998) *apud* Ribeiro (2008), é importante ler histórias infantis para crianças na hora de dormir para a formação dos pequenos leitores. Assim, as crianças desde cedo crescem com o gosto pelos livros.

Por que ler a obra de Monteiro Lobato?

Monteiro Lobato foi um revolucionário na literatura infantil no Brasil. Muitos de nossos escritores confessaram e/ou confessam que beberam nas fontes desse grande escritor na sua formação de leitores e terem se tornado escritor: Ana Maria Machado – segundo Ribeiro (2008) – conta que ganhou o livro *Reinações de Narizinho* aos 5 anos de idade e, a partir daí, nunca deixou de se deliciar com o universo de Monteiro Lobato.

O livro *Reinações de Narizinho* foi produzido publicado em 1931, depois de uma junção de vários livros escritos de 1920. A primeira versão do livro (vide capa abaixo) mostra que continha o artigo definido plural “As”:



Monteiro Lobato foi e é inovador por criar personagens e espaço estáveis e a partir de um núcleo expandir as histórias e aventuras num mundo de imaginação atrativo para qualquer leitor (crianças e adultos). O núcleo de personagens são: Dona Benta, Narizinho, Tia Anastácia, Emília, Rabicó, Pedrinho, Visconde de Sabugosa; e o espaço se constitui no Sítio do Picapau Amarelo, onde os personagens se aventuram para outros lugares do mundo e imagináveis.

Para reafirmar a atualidade da obra, podemos observar a personagem Dona Benta sendo uma figura que hoje lutamos para que seja “instituída” na nossa sociedade: não aos maus-tratos e sim ao diálogo e respeito às crianças. Dona Benta é esta figura que trata os netos com carinho e sempre dá as orientações sem o autoritarismo presente em muitos lares. Além disso, o papel da avó está bem mais intenso na dedicação e cuidados com os netos, já que as mulheres (mães) estão no mercado de trabalho e precisam das vovós para o auxiliar na educação. Lúcia é criada pela avó (Dona Benta) e isso também é muito comum no Brasil.

Outro fato importantíssimo que está se perdendo na nossa sociedade, o livro vem resgatar e valorizar o que se refere à contação de histórias tanto pela avó quanto pela Tia Anastácia.

Sobre Pedrinho, outro de neto de Dona Benta, que passa as férias no sítio, Bertolucci (2009) retrata:

O período que o menino passa no sítio significa a oportunidade de viver aventuras com liberdade plena, longe da escola, ainda que em várias passagens o sítio funcione como um “escola”, no sentido de proporcionar experiências para a formação e a instrução das crianças. A ideia que o livro transmite, portanto, é a de experiências enriquecedoras criadas e conduzidas pelas próprias crianças, separadas temporariamente do ambiente escolar: as situações de aprendizado ocorrem a todo momento, mas sem formalidade característica da escola. Entre essas experiências, livros e cenas de leitura – que se multiplicarão em outras obras lobatianas – são muito importantes. (BERTOLUCCI, 2009, p. 194)

Segundo esse autor (2009, p. 189), a obra de Monteiro Lobato, em particular no livro *Reinações de Narizinho*, faz sucesso pelo fato de haver “a objetividade da narração e o rompimento da noção de ‘tempo’ e de ‘realidade’”. E acrescenta que o livro em sua primeira versão: *A menina do narizinho arrebitado* (1921), “a protagonista Lúcia acordava de um sonho, às margens do ribeirão das Águas Claras”. Porém, segundo Cavalheiro (1957)

Lobato percebeu que não havia razão para ser um sonho aquela maravilhosa aventura, e, nas edições subsequentes, melhorou a obra, fazendo com que, para a meninada do Sítio do Picapau Amarelo não existisse distinção alguma entre o maravilhoso e a realidade (CAVALHEIRO, 1957 *apud* BERTOLUCCI, 2009, p. 190)

Lobato inova também em sua linguagem, ao relacionar a formalidade da língua com a coloquialidade, resgatando a oralidade para seus textos; e o jogo de palavras em sua obra. A exemplo disso, o escritor cria neologismos como *condessar*, *borboletograma*, *inspetoradas*, entre outros. Segundo Lajolo (2009), no livro *Reinações de Narizinho*, a personagem Doutor Caramujo satiriza o uso da “linguagem pedante, presunçosa e pretensiosa” (LAJOLO, 2009, p.17). Para a autora, muitos estudiosos fazem referência e admiram o modo como Monteiro Lobato usa a linguagem, chamando de *inventividade* o modo como escreve; e acrescenta que

ele investe tempo e trabalho na criação de uma linguagem coloquial, a qual, aos olhos e ouvidos do leitor, soa como espontânea e natural. Mas sabe-se, pela consulta às diferentes variantes de cada título, que se trata de uma falsa naturalidade, fruto – ao contrário – de trabalho incessante do escritor. (LAJOLO, 2009, p.18-19)

Ainda abordando as questões relacionadas à linguagem, Lajolo (2009) sustenta que o modo de inventividade, ou seja, o modo de inventar, desinventar e transformar a linguagem em sua obra

se manifesta no que talvez se possa chamar de *nível discursivo* da sua obra. Neste outro plano, metalinguagem, intertextualidade, consciência do leitor e oralidade merecem menção, pela constância com que se manifestam e pelos fabulosos efeitos de sentido que criam. (LAJOLO, 2009, p.21)

Ribeiro (2008, p. 138) reflete sobre a linguagem na obra *Reinações de Narizinho* e afirma que “Há um sentido de leitura e de escrita que preside o entrelaçamento de diferentes fios narrativos: o mito, as histórias clássicas infantis, os personagens do sítio; as associações estabelecidas entre as palavras [...]”. Bertolucci (2009, p. 191) também se refere ao “resgate de narrativas tradicionais como as que envolvem as personagens Rosa-Branca, Rosa-Vermelha, Pássaro Azul, Cavalo Encantado, entre outras que interagem com a turma do *Sítio*.” Além disso, segundo Ribeiro (2008), ao criar aventuras com figuras nacionais, Lobato resgata o folclore, as lendas e costumes brasileiros.

O livro *Reinações de Narizinho* é uma composição de vários livros escrito durante 10 anos aproximadamente da vida de Monteiro Lobato. Cada livro foi escrito separadamente, mas depois foram juntados para compor um só livro. No livro *Reinações de Narizinho* (2016) da editora Biblioteca azul, os títulos são:

- Narizinho arrebitado
- O Sítio do Picapau amarelo
- O Marquês de Rabicó
- O casamento de Narizinho
- Aventuras do príncipe
- O Gato Felix
- Cara de coruja
- O irmão de Pinóquio
- O circo de cavalinhos
- Pena de papagaio
- O pó de pirlimpimpim

Comparados aos títulos exibidos por LAJOLO (2009) temos uma visão de como os livros eram e de como foram ajustados:

EDIÇÃO ISOLADA	AS REINAÇÕES DE NARIZINHO (1931)	
TÍTULO	DATA	TÍTULO DOS CAPÍTULOS
A menina do Narizinho arrebitado	1920	Narizinho arrebitado
Narizinho arrebitado	1921	O sítio do Picapau Amarelo
O Marquês de Rabicó	1922	O Marquês de Rabicó
O noivado de Narizinho	1928	O casamento de Narizinho
Aventuras do príncipe	1928	Aventuras do príncipe
O Gato Félix	1928	O Gato Félix
Cara de coruja	1928	Cara de coruja
O irmão de Pinóquio	1929	O irmão de Pinóquio
Circo de escavalinho	1929	O circo de escavalinho
A pena de papagaio	1930	A pena de papagaio
O pó de pirlimpimpim	1931	O pó de pirlimpimpim

Este quadro é para ilustrar as mudanças ao longo dos anos de construção percebe-se que houve alterações no título de cada “capítulo” do livro *Reinações de Narizinho* e conseqüentemente alterações no estilo de escrita das próprias histórias como já foi abordado anteriormente.

Considerações Finais

Finalizamos estas reflexões apropriando-nos das palavras de Barreto (1931) sobre o livro *Reinações de Narizinho*:

Nas páginas de seus contos, agora reunidos no volume “As Reinações de Narizinho”, palpita a vigorosa sensação de um ambiente desenrolado em plena natureza, com a graça, o pitoresco e o humorismo que fizeram de Monteiro Lobato um narrador inconfundível. Dir-se-ia que nessas criações integralmente novas, em que toca às próprias fontes da emoção e da poesia, ele concentrou todas as qualidades primaciais, com que se impôs nos “Urupês”, e que o gosto e o hábito de escrever para crianças desenvolveu e apurou em vigor e simplicidade. Páginas alegres, ágeis e sadias, leves e delicadas, ricas de substância da vida, são as “Reinações de Narizinho”, a melhor festa para as crianças que vivem horas felizes, entretidas com esse feiticeiro animador de ilusões, artista e educador a um tempo, que, conseguindo fazer-se amar das crianças, faz com que elas comecem, por ele, a amar os livros. (BARRETO, 1931 *apud* BERTOLUCCI, 2009, p. 188).

Isso resume a maravilhosa obra que temos em mãos e que não pode ser relegada a um passado porque é um clássico da nossa literatura. E um clássico é sempre atual e deve ser propagado nas casas, nas escolas, nas redes sociais para que as crianças não sejam privadas de ter acesso a esse espetaculoso livro de Monteiro Lobato e outros também.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTOLUCCI, Denise. In: LAJOLO, M. & CECCANTINI, J.L.(Orgs). **Monteiro Lobato, livro a livro**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e Alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento**. São Paulo: Cortez, 2013.

RIBEIRO, Maria Augusta. In: CECCANTINI, J.L. & MARTHA, A.A.(Orgs). **Monteiro Lobato e o leitor de hoje**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

GERALDI, Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Paulo: Ed. João e Pedro, 2015.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Ed. Globo, 2016.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Literatura para todos**. Literatura e Sociedade. São Paulo: USP. n 9, 2006.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

SOBRE A AUTORA:

Possui graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará; especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa; é mestranda do PPGL no Mestrado Profissional em Letras pela UFPA; é professora de Língua Portuguesa em escolas das redes particulares e pública em Belém-PA.